

A Capital Nacional da Moda Tricô

Monte Sião é um município que fica no sul de Minas Gerais, na divisa com o estado de São Paulo. Pela estimativa do IBGE em 2017, conta com 23 247 habitantes. Sua área é de 292 km² e a altitude é de 850m. Monte-sionense é o gentílico para quem nasce em Monte Sião.

FUNDADOR: Dr. Antonio Marcello da Silva - 15/01/1958

Março de 2021 - Nº 585

Diretores - Antonio Marcello da Silva (*-1931) - Pascoal Andreta (*1915 - + 1982) - Ugo Labegalini (*1931 - + 2012) - Ivan Mariano Silva (*1935 - +2020) - Alessandra Mariano (2020 -)

MONTE SIÃO, 172 ANOS

29 de março de 1849

A Fundação Cultural Pascoal Andreta presta sua homenagem. Parabéns Monte Sião!



Monte Sião - 1948



Foto: Arquivo José Claudio Faraco

IVAN

Primeiramente, na época da fundação, aqui estiveram os portugueses e seus descendentes brasileiros, filhos de pai e mãe lusos, de pele branca; também os filhos da mistura com o escravo negro, o mulato e o moreno e, ainda, os da cor da cuia e olhos puxados, resultado do cruzamento do branco europeu com o nosso bugre. Foi uma época sem muitos anseios, a vida levada ao ritmo do carro de bois, embalada pelo gemido tristonho do eixo de madeira apertado pelo abraço do cocão. O pai puxava a enxada e, à tarde, pitava. A mãe arrumava a casa e punha os filhos fora. Os filhos sentavam-se à mesa do carro de bois e partiam pelo mesmo trilho.

Quando aqui aportaram os italianos, tudo mudou: o tom da pele, a cor dos olhos (alguns verdes ou azuis ainda permanecem), o sabor da comida, a música diferente, os costumes renovados, a fala esquisita, os gestos exagerados. Havia a vontade de melhorar, a enxada mantinha a vida estacionada, fincada no lugar. A oficina do ferreiro trouxe o alento da roda girando e, a sapataria, o movi-

mento do andarilho buscando o progresso. A lavoura do café deu a garantia. O pai labutava e, à tarde, puxava a sanfona. A mãe arrumava a casa e punha os filhos fora. Os filhos vinham à cidade montados e tomavam outros rumos.

Agora a vida é outra. A mudança é imensa. Mudança que ocorreu nem pelo sangue nem pela raça. Não foi espontânea. Foi medida. Foi planejada. Aconteceu mecanicamente, através de artifício. Artifício chamado tricô. O tricô que transformou a economia alterou a arquitetura, deu nova conotação aos costumes, a tradição perdeu o sentido, o progresso é a lei absoluta, o patriarcado perdeu a força, entrou em ago-

nia, em coma, vegetou, sumiu. A mulher, que já era crescida e apenas estava escondida, aproveitou a deixa e surgiu, dirige e decide... algumas, velada e piedosamente, para não manchar aquilo que se chama marido. A sociedade elitizou-se, já não somos iguais como antes – desnivelaram-se as escolas, os alunos se vangloriam de frequentar o curso mais caro. Todos se vestem bem em todos os dias da semana – e não só aos domingos, como nos ensinaram os italianos – a abastança é escancarada e medida na marca dos automóveis e nas correntes de ouro com crucifixo: quanto maior o Crucificado, maior a conta bancária. Até nosso sorriso agora é implantado. Tudo

muito diferente da geladeira às prestações que nos arrancava do fundo da miséria, colocando-nos pouco acima da pobreza. Alcançamos a glória de viajar para o exterior, conhecer o mais moderno shopping de Roma, de nos deliciar com os peitos anêmicos das coristas do Lido e vomitar, com justo orgulho, a lagosta consumida na mesa do comandante do navio. Reclamar, mesmo, só do excesso de pedras e carência absoluta de automóveis em Machu Pichu, sorrindo maliciosamente, simulando recato, dissimulando a abastança: “Fui ver o Peru”.

Monte Sião, hoje, é do avesso. Quem aqui retorna desaviado, assusta com a verdadeira revolução. Está tudo de cabeça

para cima. Quando ele partiu, tudo estava deitado, parado, estacionado. Agora, o pai aproveitou a oportunidade e, à tarde, toma uísque falando ao celular, dirigindo seu carro “de argolinha”; a mãe tem os filhos que planejou de acordo com a renda, a doméstica cuida da casa. Os filhos, cesariados, formados na creche, acabam em jovens saudáveis e, quando recebem dos pais o que exigem em vez daquilo que necessitam, tomam outros rumos, às vezes sem volta ou, então, por aqui permanecem e, para se autoafirmarem (pois que sempre tiveram tudo e tudo lhes foi permitido) comem alguns desatinos, na intenção de nos roubar a dignidade, justificando sua atitude. Mas

isso é impossível; soubemos reservar nosso brio.

Sonhamos com sauna e piscina; só não colocamos água porque está pelo preço da morte.

Todas as etapas, afinal, foram boas, com seus contratempos, com suas vantagens. Portugueses, italianos, malharias nos ofereceram oportunidades e desassossegos. Feliz de quem soube aproveitar; coitado daquele que sucumbiu. Na verdade, os remanescentes da velha Monte Sião, só desejam um pouco mais de paz e de paz com o avanço. Que cada um edifique a sua paz e, com ela no peito, traga ao peito e abraça nossa Cidadezinha. Parabéns, menina querida. Répi barssidei, como aprendemos a falar e pronunciar corretamente no curso intensivo de inglês, que custa os olhos da cara.

Monte Sião foi fundada em 29 de março de 1849. Esta crônica foi escrita devido à comemoração de 162 anos da cidade, em 2011.

CRÔNICAS DA MINHA GENTE

MONTE SIÃO - 162 ANOS

O significado das palavras

JOSÉ ANTONIO ZECHIN

Estou acostumado a lidar com as palavras, como professor e escritor. Sem contar o dia a dia trivial pelas esquinas da vida e o mundo das redes sociais. Sei como é difícil. Num assunto qualquer, uma pessoa diz “A”, a outra entende “B”, passa para um terceiro como “C” e alguém vai entender “D”. De “A” para “D”, muita diferença. Daí para a frente, só mais desentendimentos. Explicações posteriores só

confundem mais. E você explicar o dito pelo não dito se torna quase impossível. Uma Torre de Babel. Eu sou um exemplo disso. Embora ache que escreva de maneira clara e objetiva, não é raro alguém interpretar o que eu quis dizer de maneira completamente diferente. Pior que isso, confundem meus sentimentos e minha personalidade. Muitos acabam achando que sou um cara depressivo, amargurado, triste. Muito pelo contrário, sou uma pessoa bem-humorada, de bem com a vida. Quando

escrevo algo que possa parecer “pessimista”, estou apenas retratando a realidade, com o meu entendimento. Que pode ser completamente diferente de outra pessoa. Sem problema. Cada qual com sua cosmovisão.

Desafio-o a ler os maiores filósofos já existentes na face da Terra. Vá lá, não tenha preguiça, escolha qualquer um deles e vai descobrir como pensavam. Posso sugerir dois deles? Schopenhauer e Nietzsche. Por exemplo, Nietzsche escreveu “Deus está morto”.

Schopenhauer caracteriza o mundo como “o produto de uma cega, insaciável e maligna vontade metafísica”. Para saber de Freud, li o livro de sua esposa Martha, baseado em correspondências trocadas entre os dois. Você sabia que Freud, o grande influenciador da psicanálise, era ciumento, egocêntrico e viciado em cocaína? Para saber mais de Hitler, li uma biografia de mil páginas escrita por Ian Kershaw. Eu sei, você prefere ler outras coisas. Está certo. Borboletinhas voando, anjos tocando

harpa, abelhas fazendo mel. Eu só posso dizer que, por mais otimista que uma pessoa seja, uma hora a realidade bate à porta.

Sem ser rude nem ofender, acho que as pessoas precisariam interpretar melhor os textos que leem. Sem pressa, principalmente. Aos meus alunos, dou uma aula especial sobre a arte de ler. Pois ler é uma arte. Sem esquecer o que disse Carlos Drummond de Andrade, definindo um escritor: “É aquele que tem não somente uma certa maneira especial

de ver as coisas, senão também uma impossibilidade de as ver de qualquer outra maneira”. Por fim, se quiser me convidar para uma cantoria, uma noite literária, uma cachaca, uísque ou um bom vinho, uma viagem, um passeio, uma caminhada, um cinema, um teatro, um jantar ou uma pescaria, estou inteiramente à disposição. Paz e amor, antes que me confundam novamente!

BRAVA GENTE NOSSA

Mestre na arte da topiaria, **Odair Comuni** iniciou seu trabalho aos 14 anos de idade levado pelo seu pai, Estevam Comuni. O senhor Estevam trabalhava no jardim do antigo matadouro municipal e, nessa época, o então prefeito Mário Zucato o convidou para cuidar do jardim da Praça da Matriz, devido ao excelente trabalho que realizava. Estevam esculpia os ciprestes com tanta arte e beleza e precisou de um ajudante para o trabalho. Assim

começa a história de Odair. Pai e filho ficaram conhecidos por todo Brasil, fazendo parte de livros, fotos e reportagens. Convidados a trabalhar em outras cidades, onde poderiam ganhar mais, nunca aceitaram o convite pois declaravam que o amor por Monte Sião estava acima de tudo. Com a aposentadoria de seu pai, Odair passou a cuidar sozinho do nosso jardim. Foram mais de 50 anos de dedicação dando formas ornamentais aos ciprestes e

encantando a todos, até se aposentar aos 65 anos. No dia 08 de fevereiro de 2021 Odair Comuni partiu ao encontro de seu pai deixando a esposa Sra. Olivia, os filhos Odair Giovanni e Janete e os netos Marcos Henrique, Pedro e Ana Beatriz. O Jornal Monte Sião presta sua homenagem a esse monte-sionense, brava gente nossa, na esperança de que seu trabalho tenha continuidade, sendo motivo de orgulho para Monte Sião.



Zero hora

JOSÉ ALAÉRCIO ZAMUNER

É a essa hora, de repente e sem pensar, que saí de casa para ir à cidade; foi bem nesse evento de espanto que ouvi galo cantar.

Fora de hora? Não sei, porque não sabia também que hora exatamente era, sempre seguiu o lema: galo cantou, dia raiou! Daí, sei que saí, tudo escuro e quieto, quando vi um vulto transeunte, perguntei a hora, voz ecoou: Zero hora. Me bateu forte atenção... ainda além, quando voltei olhar, não estava mais na estrada de terra que caminhava rumo à cidade. Era dia de mercado, um domingo, quando temos de ir ao mercado, depois à missa. Mas estava muito escuro. Segui. Topei um morro, do Pennacchi?, subi, depois desci, pouco antes do centro, tudo quieto, a sapaçada bem coaxando seu "Meu pai foi rei! Foi, não foi, foi...". Subi mais

ainda e cheguei no centro. Andei mais, centro quieto, quieto, um ar estranho; muito adventício. Passei frente ao mercado, só alguns gatos pingados circulando. Deve ser porque ainda está escuro. Subi a Rua do Mercado, até quase o Asilo, Asilo sem um som, aliás, todas as ruas estavam paralisadas; a igreja estava paralisada, não tinha gente, só uns gatos pingados. Sentei e esperei, muito. Sol não vinha. Na venda do seu Derqui, Zero hora marcava. Ué, ainda Zero hora? Muito coivara em curva de rio, pra mim. Fui frente à igreja, o relógio travado: Zero hora.

Meu Deus. Meu Deus, o que é isso??? Nervos!... Ninguém respondia porque só havia uns gatos pingados pela rua, e gato, não adianta, não fala. Zero hora por toda hora e toda a parte. Mas, me diga, tempo estancou? Cadê um guarda pra perguntar. Cadê um alguém: Ô Véio, ô Juca Andreta, ô Geraldo...

Nada, nada..., só gatos pingados pelas ruas.

De repente, passa uma viatura da polícia, mas sem ninguém dentro, só com um auto falante gritando Zero hora, Zero hora... Depois, logo atrás, vem um super caminhão do corpo de bombeiro, com enorme mangueira lavando as ruas, principal a Rua do Mercado, a Igreja e seu redor. Pavor me deu, queria entrar na igreja e rezar e rezar, mas a igreja estava fechada e envolta em bolha de sabão: e os gatos pingados se lambendo do prejuízo da Zero hora. Vaguei por entre a praça, outras ruas, queria encontrar alguém para descarregar meu medo, minha angústia, me aliviar, mas só encontrava gatos pingados. E

gatos não falam nem entendem nada.

Por esse tempo, o sol já devia estar brilhando. Mas, não: era ainda Zero hora, tudo escuro, lojas fechadas; igreja, a igreja fechada e trancafiada, ninguém podia mais rezar. E o que fazer? Que vou fazer nestas ruas vazias, só com gatos pingados, agora, cada vez mais soturnos.

Maldisse a igreja, o tempo, o povo todo, principal os gatos que não respondiam nada nem iam embora: Malditos, todos!!!!

Enfiei a viola no saco; vazio, que seria pras compras, voltei pro meu rancho. Ainda dava Zero hora no relógio de casa. Quando vai passar dessa Zero hora, meu Deus; a quem digo isso?? Você que está,

agora, no meio disso tudo, a quem digo isso? A quem devo maldizer??? Hein?

No quintal, criaçõezinhas e bichos dos redores quietos; os de poleiro, empoleirados: esperando o dia raiar? Como, se o ponteiro não sai da Zero hora?

De repente, sino bateu única badala, lá longe. Vi-brou som no ar geral: UUMA HOORA! Pingou um gato. Novamente, mais umas batidas, mais uns gatos pingaram do céu. E agora, o mundo vai ser só de gatos pingados?

Escuridão continua, bichos todos outros dormindo bem caladinhos... Novamente, bem sério, ecoou no ar voz metálica, dizendo ser de um tal Tertuliano; das catumbas do tempo: a terra

está doente de gente, doente de gente, precisamos curá-la, traga unguento, unguento, só gatos pingados não salvam!

Daí, então, do céu, lentamente uns poucos gatos pingados pingando.

Atordoad, Zé Lico ouviu e viu a mensagem aérea, vinda de um céu ainda escuro. Mas nem reparou, que na barra do horizonte já se podia ver uma nequinha de vermelhidão. Fechou a porta, guardou seu inseparável guarda-chuva e foi dormir; desta vez, muito encabulado...

... ..

Ainda não amanheceu o outro dia, leitor curioso.

EXPEDIENTE

ENTIDADE MANTENEDORA: Fundação Cultural Pascoal Andreta

Fundador – Antonio Marcello da Silva

Diretores – Antônio Marcello da Silva (1958-1962); Pascoal Andreta (1962-1972); Ugo Labegalini (1972-2012); Ivan Mariano Silva (2012 - 2020) e Alessandra Mariano (2020 -)

Conselho Administrativo – Bernardo de Oliveira Bernardi, Diogo Labegalini de Castro, José Cláudio Faraco e Alessandra Mariano Silva Martins.

Diagramação – Luis Tucci - MTb 18938/MG

Fotografia – José Cláudio Faraco

Direção financeira – Charles Cétolo

Secretário de Redação – Carlos Alberto Martins

Jornalista responsável – Simone Travagin Labegalini (MTb 3304 – PR)

Colaboradores – Alessandra Mariano, Arlindo Bellini, Aroldo Comune, Antonio Edmar Guireli, Antonio Marcello da Silva, Bernardo de Oliveira Bernardi, Bruno Labegalini, Eraldo Monteiro, Ismael Rielli, Ivan Mariano Silva, Jaime Gotardelo, José Alaércio Zamuner, José Antonio Andreta, José Antonio Zechin, José Ayrton Labegalini, José Carlos Grossi, José Cláudio Faraco, Luis Augusto Tucci, Luiz Antonio Genghini, Luis Fraccaroli, Matheus Zucato Robert, Rodrigo Zucato, Tais Godoi Faraco, Zeza Amaral.

Colaborações ocasionais serão apreciadas pelo Conselho Administrativo do jornal que julgará a conveniência da sua publicação. O texto deverá vir assinado e acompanhado do RG, endereço e telefone do autor, para eventual contato. Cartas enviadas à redação, para que sejam publicadas, deverão seguir as mesmas normas. Toda matéria deverá ser enviada até o dia 20 do mês (se possível através de e-mail) data em que o jornal é fechado.

Redação: Rua Maurício Zucato, 115 – Fone (35) 3465-2467

Monte Sião fica no sul de Minas Gerais, na divisa com o estado de São Paulo. Pelo censo de 2010, conta com 20 870 habitantes. Sua área é de 292 km² e a altitude é de 850m. Monte-sionense é o gentílico para quem nasce em Monte Sião.

jornal.montesiao@fundacaopascoalandreta.com.br


OLIVEIRA
CASA DE CARNES

PCÁ RENATO FRANCO
BUENO, 80

TELEFONE:
(35) 3465 1817

105
AUTO PEÇAS

vivo
9 9852 5105

3465 3105 - 3465 5105

MAZA
PNEUS

ALINHAMENTO E BALANCEAMENTO DE RODAS, ESCAPAMENTOS, AMORTECEDORES, BATERIAS

RUA CELSO SEBASTIÃO SIMONETI, 38
(ANTIGO MATADOURO) **3465-5463**

MECÂNICA NETOS
nacionais e importados nacionais e importados

Fone:
(35) 3465 2772

Rua Jair Zucato, 136
- Centro (Prainha)
Monte Sião - MG
CEP 37580-000

DELTA FOTO
PAPELARIA
Mania de vender mais barato!!!

Material Escolar e para Escritório
Suplementos para Informática
Cartuchos compatíveis e remanufaturados
Fotos 3 X 4 na hora

A MELHOR E MAIS BARATA
REVELAÇÃO ANALÓGICA E DIGITAL 24 HORAS

35 3465-3124
Av. das Fontes, 136-C-Monte Sião

SUPERMERCADO SHIMODA
Onde seu dinheiro compra mais

Avenida Brasil, 205 - Fone 35 3465-1300
Rua Tancredo Neves, 300 - Fone 35 3465-1175
Monte Sião - Minas Gerais

AGULHAS E ACESSÓRIOS PARA RETILÍNEAS
Representante Autorizada da marca KERN-LIEBERS

DERBY Textil
Av. Monte Sião, 925
Bela Vista
Águas de Lindoia/SP

(19) 3824.2499
(35) 99138.0307

Trabalhamos com remalhadeiras "Compleat" novas e usadas

- Agulhas e platinas para retílicas
- Agulhas e ponteiros para remalhadeiras
- Bobinas e seletrores
- Óleo lubrificante
- Klimp para limpeza interna

DROGARIAS ULTRA POPULAR

Rua Presidente Tancredo Neves, 373 - Centro
(em frente ao Itaú) (35) 3465-1120 / 3465-5633
Monte Sião/MG

Rua Argentina, 19 - Centro
(no Baixo) (19) 3924-1196
Águas de Lindoia/SP

dynamise
Farmácia de Manipulação e Produtos Naturais

(35) 3465 2060 (35) 98815 2060

Rua Abílio Zucato | 274 | Monte Sião | MG

www.dynamisemanipulacao.com.br

Programe sua festa - nós temos o local!

RESTAURANTE DA LICINHA
Espaço para 250 pessoas

Km 6 da Rod. M.Siã - O.Fino -(35)3465 1355 – 9 9114 9447

MAIS RESPEITO COM O PORTUGUÊS - NO. 29

ISMAEL RIELLI

“O tempora, o mores!”

Há algum tempo, não muito remoto, usavam-se amiúde as expressões: “carne de vaca” e “a preço de banana”.

Carne de vaca: comum, trivial, corriqueiro, ao alcance de todos.

A preço de banana: muito barato, na bacia das almas.

Hoje, com a carne de vaca muito mais cara do que a carne de porco – antigamente era mais barata, com o quilo em torno de 50 pilas, com a exportação sempre crescente, comer carne de vaca está virando um luxo para os “happy few”. A banana, hoje, não é mais barata a 6 reais o kg, a dúzia da nanica – banana pesada – não sai por menos de 10 reais.

Portanto essas duas falas do século passado não servem mais hoje no Brasil de Paulo Guedes e do capitão reformado.

São obsoletas, arcaicas, inadequadas.

Eu detesto mulher nova
Que é espelho dos enganados

Quero uma velha, bem velha
De vinte, vinte e dois anos

Uma questão de suborno
(Ary Toledo)

O caipira fez uma cerca

para dividir suas terras das do Justino, seu vizinho. O Justino reclamou, dizendo que ele tinha invadido suas terras. E o Justino procurou um advogado e entrou na justiça. Como o natal tava próximo, o Justino perguntou ao seu advogado:

- Doutor! Tava aqui pensando... como o natal ta chegando, o que o sinhô acha de nós manda um leitãozinho pro juiz?

- Não faça isso, de jeito nenhum! Esse juiz é o cara mais honesto que se possa existir! Se você mandar o leitão pra ele, aí que nós perdemos a causa!

Veio então o julgamento e o Justino ganhou a questão. No dia seguinte, todo feliz, foi acertar as contas com o advogado e comentou:

- Num falei, doutor, que o negócio do leitãozinho ia dar certo?

- Pelo amor de deus, Justino! Você não vai me dizer que mandou o leitãozinho pro juiz?

E o Justino, com ar inteligente:

- Mandei! Craro que mandei! Mas mandei com nome do outro!

Os dias da semanas, só o nosso idioma usa a feira: segunda, terça...

O galego chegou a acompanhar-nos, mas voltou ao sistema planetário-mitológico. Isso graças a São Mar-

tinho de Dume, Bispo de Braga-Portugal. “Certo de que era indigno de um bom cristão invocar nomes de deuses pagãos, impôs a terminologia eclesiástica para os dias – Dies dominus, secunda feria, tertia feria, até sabbath. Feria significa dia livre tal como nossas férias” (Marcelo Viana – folha de SP) miraram as denominações do português antigo: lues, martes, mercores, joves e vernes.

A maioria das línguas ocidentais, tirante sábado e domingo, batizam com nomes dos planetas os dias da semana.

Lua, Marte, Mercúrio, Jupiter e Vênus

Italiano: Lunedì, Martedì, Mercoledì, Giovedì, Venerdì, Sabato, Domenica.

Francês: Lundi, Mardi, Mercredi, Jeudi, Vendredi, Samedi, Dimanche.

Espanhol: Lunes, Martes, Miércoles, Jueves, Viernes, Sábado e Domingo.

Até o Germânico Alemão e o Anglo Inglês acompanham

Inglês: Monday, dia da lua.

Thursday – Tiw, deus presente nas mitologias nórdica e germânica. Divindade que representava a guerra.

Wednesday – dia de Odin. Divindade mais importante na mitologia Anglo Saxônica.

Thursday – referente ao deus nórdico Thor, bastante presente no paganismo germânico.

Friday – refere-se a Frig, deusa da beleza e do amor na mitologia nórdica.

Saturday – dia de saturno – dia da agricultura. Divindade do panteão Greco-Romano

Sunday – dia do sol.

Já os alemães recorreram às mitologias nórdica e romana.

Montag – dia da lua.

Dienstag – dia de Tyr ou Tiw, deus da guerra.

Já a quarta feira destoa.

Mittwoch que significa meio da semana.

Donnerstag – dia de Thor, mitologia nórdica - deus do trovão.

Freitag - dia de Freya, deusa da fertilidade.

Samstag – dia de saturno, mitologia romana.

Sonntag – dia do sol.

Os enfados de meu pai

Não posso mais suportar:
Eu já tenho quinze anos,
Minha mãe, quero casar!

Lei de Murphy

Refere-se ao engenheiro Edward Murphy (1918-1990) num laboratório espacial que testava o sistema de frenagem que tinha tudo para dar errado e de fato deu, na pior hora. Corresponde,

aproximadamente, ao nosso urubu azarado, pisa no rochedo e atola, o debaixo defeca no de cima, o raio não cai duas vezes no mesmo lugar.

Féria e férias

Por fêria fraca, muito fraca, ele não poderá passar as férias na praia.

Féria: substantivo feminino (admite plural) significa “dinheiro arrecadado num dia de trabalho”.

Foi surpreendente e inesperado a fêria de ontem.

Já o substantivo feminino férias (período de descanso dos trabalhadores e estudantes) só se emprega no plural.

Se continuar nessa toada, não teremos férias em julho ou teremos um ano inteiro de férias sem sair de casa.

Galicismos com O e P

On parle français – fala-se francês. Aviso em vitrines que naquela loja tem alguém que fala francês.

Overture – profonia introdução orquestral de uma ópera lírica.

Partis pris - opinião pré-concebida, partido tomado.

Parvenu – novo rico

Paté de foies gras – massa de fígado de ganso.

Peche melba – sorvete de pêssego em compota

Peignoir – roupão de senhora.

Petit pois – ervilha

Pince nez – óculos sem haste. Tipo Eca de Queiroz. Como não caiam?

Pilotis – conjunto de pilares que sustentam edifícios.

Plissé – pregueado feito a máquina e resistente.

Porte bonheur : amuleto bonheur – felicidade porte que traz.

Portrait-charge. Retrato caricatural

Pot pourri – miscelânea de músicas

Premier – primeiro ministro, chanceler.

Première – primeira apresentação pública de uma peça de teatro, de um filme.

Avant première: pré-estréia, antes da estréia, lançamento para poucos.

Há pessoas que choram por saber que as rosas têm espinhos. Outras há que gargalham de alegria por saber que os espinhos têm rosas. (Confúcio)

O homen comum é exigente com os outros, o homen superior é exigente consigo mesmo. (Marco Aurélio)

Não é digno de saborear o mel, aquele que se afasta da colmeia com medo das picadas das abelhas. (Shakespeare)

Na ciência, confiamos!

PAULA PENACCHI

Estamos vivendo uma época difícil. Entre tantas coisas, uma que me preocupa muito é ver que a ciência está sendo amplamente discriminada e a mentira infundada está sendo difundida livremente aos quatro ventos. Como cientista, poderia me indignar, mas isso não nos ajudaria em nada. Aos meus amigos e a você, leitor, peço um voto de confiança e boa vontade, pois conseguiremos nos entender. E a todos os cientistas, digo que é hora de ter humildade e entender que também é nossa culpa tanta desinformação, já que por anos não nos esforçamos o suficiente para divulgar o conhecimento, nem mesmo dentro das nossas famílias.

Para entender o quanto ciência e a vida cotidiana podem estar distanciadas, faço uma pergunta bem pertinente nos dias atuais: você tem medo da vacina contra a COVID19? Se a sua resposta foi sim, pergunto: por quê? O que foi que te contaram sobre isso? Somos muitos os que temos dúvidas. Nos perguntamos, por exemplo, como o desenvolvimento da vacina foi tão rápido, se podemos confiar em vacinas vindas de outros países, se poderíamos sofrer mutações genéticas ou outros efeitos colaterais graves, entre muitas outras dúvidas. Então, vamos passo a passo.

As vacinas demoram, sim, para ser produzidas e aprovadas, às vezes vários anos. O tempo que leva até sua comercialização depende de vários fatores práticos, como a dificuldade de gerar imunidade contra um patógeno específico, a garantia de que essa imunidade será produzida de forma consistente em

diferentes populações, a estabilidade assegurada da imunidade ao longo do tempo depois da vacinação, cobrindo possíveis variantes do patógeno e a garantia de segurança quanto aos efeitos colaterais. E, também, a fatores econômicos e logísticos, como a gravidade da doença e seu real impacto à vida, os custos dos estudos e da produção da vacina em comparação com o benefício econômico aos fabricantes e a dificuldade na distribuição e na conservação. Então, com tantos percalços, como é que essa vacina contra a COVID saiu em menos de um ano? A resposta é simples: essa vacina é fundamental para a economia de todos os países do mundo. Foi investida uma quantidade enorme e inédita de dinheiro na sua investigação, validação e produção, e isso faz toda diferença. Muitas indústrias farmacêuticas de todo o mundo reorganizaram toda sua linha de produção para acelerar a fabricação das doses. A tecnologia atual também permitiu testes de segurança muito mais rápidos e eficazes, e a colaboração internacional entre cientistas através da divulgação de seus achados em artigos científicos ajudou a que todos seguissem na direção correta, sem perder tempo.

Mas, com tanto interesse econômico envolvido em tão pouco tempo de desenvolvimento, é seguro tomar a vacina? E que história é essa de vacina de RNA? Será que posso sofrer alterações genéticas? Para entender o funcionamento da vacina precisamos, antes, entender a ação dos vírus no nosso organismo. Os vírus são agentes infecciosos incapazes de se reproduzir sem a ajuda de um hospedeiro. Isso significa que,

para se multiplicar, o vírus tem que reprogramar as nossas células para que elas passem a trabalhar produzindo proteínas e material genético viral. Durante uma infecção, o vírus rompe sua cápsula protéica (sua carcaça) e insere seu material genético nas nossas células, forçando que sejamos nós a começar a produção de mais cápsulas virais e cópias de seu material genético. Quando muitas cópias são geradas, as nossas células reconhecem que algo está errado e entram em um processo de morte programada, que causa o seu rompimento, liberando todas as novas cópias virais que podem continuar a infectar cada vez mais células saudáveis. Isso causa uma grande reação imunológica que nos faz ter sintomas como os da gripe, por exemplo. Passado um tempo, na maioria dos casos, vencemos essa “guerra” imunológica contra os vírus e nos curamos, mas infelizmente algumas pessoas não conseguem responder a tempo. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) existem 3 tipos principais de vacinas: a feita a partir do micro-organismo inteiro; a feita a partir de partes do micro-organismo que causam reação imune; e a feita a partir de partes específicas do material genético do micro-organismo. A grande maioria das vacinas que recebemos durante toda a nossa vida foi produzida através de uma tecnologia chamada “patógenos atenuados” ou “patógenos inativados”. Isso significa que o vírus que causa a COVID seria previamente destruído por calor ou outros métodos em laboratório, e as proteínas seriam então purificadas para ser utilizadas nas vacinas. Ao entrar no nosso organismo, essas proteínas,

já inofensivas, seriam reconhecidas por nossas células de defesa e gerariam uma “memória imunológica”. E se, no futuro, entrássemos em contato com o vírus, nosso corpo já saberia como se defender, produzindo anticorpos muito mais rapidamente, evitando que ficássemos doentes. Já a vacina de RNA, mais moderna, insere uma pequena sequência genética, uma “receita” para que nossas células produzam essas proteínas da “carcaça” viral, o mesmo que faria o vírus ao nos infectar, porém sem produzir o material genético do vírus. Assim podemos produzir a desejada memória imunológica, sem nenhum perigo de replicar o vírus em nosso corpo. Esse intercâmbio de informação genética entre o RNA presente na vacina e nossas células acontece em organelas especializadas em produzir proteínas, os ribossomos, e não existe nenhum perigo de que essa informação genética possa se integrar ao nosso DNA. Já que nosso corpo reconhece muito facilmente essa sequência como externa ou exógena, e “corta” rapidamente qualquer possibilidade de interação a longo prazo.

Então, existindo tantos tipos de vacinas, qual devo escolher? Desde dezembro de 2019, com a confirmação dos primeiros casos de COVID19, cada indústria farmacêutica apostou alto em produzir a vacina contra a doença, uma verdadeira corrida contra o tempo. Nessa decisão, estratégica e comercial, cada farmacêutica elegeu a metodologia que fosse mais garantida, tanto em eficácia, quanto em rapidez de produção, dentro de suas capacidades. Nesse momento, algumas farmacêuticas

já dominavam a tecnologia das vacinas de RNA, porque já produziam vacinas para outras patologias, e começaram então a produzir também vacinas de RNA para prevenir a COVID. Já outras farmacêuticas preferiram seguir outros protocolos de rotina, usando vírus atenuados. De qualquer forma, todas as vacinas que estão sendo distribuídas no mundo são seguras. Todas foram exaustivamente testadas, provadas por laboratórios totalmente independentes e revisadas por cientistas especialistas e sem conflitos de interesses, ou seja, que não ganhariam nada com a aprovação ou reprovação da segurança e eficácia de cada vacina. Os controles de qualidade foram muito rigorosos e todos os resultados desses ensaios foram publicados e revisados por cientistas do mundo todo, de forma transparente e irrefutável.

Infelizmente nossa geração se vê obrigada a viver uma pandemia histórica. Felizmente, por outro lado, já temos o conheci-

mento e a tecnologia para evitar que se repita. É normal estar assustado e preocupado, por isso a ciência pede seu voto de confiança. Então, quando receber alguma informação que pode afetar sua saúde e a saúde das pessoas ao seu redor, antes de acreditar ou passar adiante, pesquise as fontes, faça perguntas, procure saber os interesses de quem fez a divulgação, comente com algum profissional de saúde que você conheça. E tome a vacina. Saludos!

Paula Pennacchi, PhD em Patofisiologia e Oncologia Molecular.

Tipos de vacinas segundo a Organização mundial da Saúde (WHO): mais informação em: <<https://www.who.int/news-room/feature-stories/detail/the-race-for-a-covid-19-vaccine-explained>>



SEGURANÇA CATINI ELETRÔNICA

Ligue: (11) 3824-5421 (11) 3824-1094

➡ Venda e instalação de Alarmes
➡ Monitorados e convencionais
➡ CFTV - Cerca Elétrica
➡ Locação de equipamentos

Monitoramento Via Rádio, Internet e Linha Telefônica.
Solicite um Orçamento sem compromisso!

Av. Monte Sião, 3333 - Loja 20 - Shopping Uniminas
Águas de Lindóia - SP - www.catinisegurancaeletronica.com.br

NA CONSTRUÇÃO DO TEMPO

ARIOVALDO GUIRELI

Costumava ficar olhando o infinito feito um solitário errante dos caminhos.

Não perguntava se estava certo nem mesmo indagava se errado fosse. Entendia que a vida não é calendário.

- Olha, hoje é dia... Não saberia dizer nem a hora o mês e possivelmente o ano. Queria apenas andar. Conhecer novos horizontes, novas línguas, costumes e compreender a antropologia existente.

Compreendia que o ser agredia memórias e fantasias. Respeitava o processo exterior e interior. Conhecia os sentidos externos e se extasiava com os dois sentidos internos: a memória e a fantasia. Nascia uma saudade de algum tempo e lugar, pois sabia que estava registrado para sempre nele. Tinha vontade de conhecer aquele país e falar o idioma sabia que registraria em si. E de alguma forma suportaria as dificuldades que encontrada estivesse.

Compreendia as palavras e dela a parceria: caminhos a com-

por!

Lembrou-se do muro que escrito estava: “Caminhando e cantando e seguindo a canção, somos todos iguais braços dados ou não...”

Uma tarde chuvosa e fria chegou a um pequeno povoado no sul de Minas Gerais. Pouca gente na rua apenas um bar estava aberto. Do outro lado da praça uma padaria respirava seus pães e broas. Adentrou, envergonhado pelos respingos da chuva, pediu um pão com mortadela e um refrigerante de guaraná. Ficou na

frente da porta esperando com o olhar de muita vontade.

O menino, esperto, fez o pedido e ainda muito solícito disse: - Não fique aí não, entre e sente aqui!

- Deixou sua mochila de lado, tirou o sobretudo que o cobria e logo começou a comer e beber. Com tanta vontade que esqueceu de si. Viagou pelo tempo de sua família e descobriu a voz de seu tio que dizia: - Pão com mortadela e tubaina é uma delícia!

Sorriu!
Perguntou para o menino onde

poderia pernoitar por ali. E descobriu que atrás da padaria havia uma pequena pousada. Acertou o valor. Um banho reconfortante e o sono dos justos fechou o dia.

O sol estalava caminhos.
Rumou os primeiros passos.
Respirou o dia e andou.

Não era bem aceito aonde chegava. Olhavam-no com muito cuidado e sempre dele tiravam conclusão: cuidado, pode ser bandido!

Sua fala mansa e seu jeito de sorrir dissipava logo as primeiras conclusões. Alguns o achavam

um frustrado pela vida social, outros não tinham nenhuma conclusão e o achavam um coitado, um pária que estava fazendo peso sobre Terra. E ele conversava o seu saber e a sua experiência. Sabia continuar seu caminho.

Hoje, está chegando em Lima, no Peru e querirá encontrar com seu amigo Riders Rosini – chefe renomado da gastronomia peruana, que nascido monte-sionense do sul das gerais – por lá mostra seu valor.

(Diário de Viagem sem data e sem documento apenas a liberdade. Amém!)

O papel da consultoria no apoio ao empreendedorismo no cenário pós-Covid-19

L. A. GENGHINI

Até 2020, a ordem mundial seguia seu curso entre altos e baixos porém, sob a égide de estruturas precárias observadas pela ONU- Organização das Nações Unidas, OMC- Organização do Comércio, OMS- Organização Mundial da Saúde e outras entidades.

Em cada país, de acordo com os parâmetros escolhidos, a sociedade estava organizada, umas mais, outras menos, para a produção de bens materiais, para a formação de seus filhos e para o fornecimento e a manutenção da infraestrutura.

De modo formal ou informal, os indivíduos se organizavam para a produção de bens e serviços, a fim de atender às demandas, recolher impostos e fazer girar a economia.

A pandemia, como uma ameaça desconhecida, foi invadindo os territórios, espalhando o pânico e desestabilizando as estruturas de modo que o status quo que mantinha tudo em funcionamento num mínimo de equilíbrio foi abalado sem que as previsões de mitigação, reação e combate surtiram os efeitos desejados. A covid-19 e suas variantes que surgiram e que ainda surgirão estão por aí ceifando vidas e desafiando a capacidade da humanidade de reagir adequadamente diante de tamanho desafio, que teima em mudar de cara a todo o momen-

to, já vai além de um ano.

A medicina foi surpreendida por um monstro contra o qual não estava pronta para lutar; os políticos subestimaram o problema e aproveitaram a deixa, mais uma vez, para se comportarem como chacais, tirando proveito da situação e do povo que, mergulhado no universo da desinformação promovida pela imprensa e pelas redes sociais que manipularam os fatos conforme suas identidades ideológicas e seus interesses particulares, ficou ao léu entre a crença exacerbada daqueles que se trancaram em casa e o descaso daqueles que se acharam imunes e inatingíveis, promovendo encontros de toda natureza, como se movidos por uma força invisível e incontrolável para a disseminação do vírus.

Um ano depois, somos reféns, ainda à deriva, de uma pandemia que não ataca só a saúde das pessoas, senão que abala, também, a economia, as finanças e a estrutura social, provocando caos e pânico pelo fechamento de empresas, pela desarrumação do sistema de ensino, pela pressão absurda sobre o sistema de saúde, colocando as pessoas cada vez mais fragilizadas e a mercê de instituições que não fizeram direito as lições de casa e agora arcam com o ônus de ter que lidar com uma situação tão caótica e desconhecida quanto quando surgiu, embora alguns esforços tenham sido en-

vidados para o desenvolvimento de vacinas que, timidamente, vão sendo disponibilizadas à população.

Até nas vacinas, os interesses mesquinhos da política do ganho fácil se imiscuiu, deixando o seu legado de egoísmo e de ignorância que sempre comprometem o bem estar da humanidade, cobrando a fatura dos menos favorecidos.

É preciso reagir! Reagir na certeza de que o mundo não será mais o mesmo, que a ordem das coisas deverá se adaptar a um novo ritmo, que as organizações deverão se reinventar e que as pessoas deverão desenvolver novos hábitos sociais e profissionais.

É oportuno buscar novas alternativas em que a sociedade possa se reestruturar, se reorganizar e se estabilizar convivendo com a covid-19 e suas variantes. Não há dúvidas de que o tempo, somado aos esforços, trará um novo cenário onde a sociedade aprenderá a conviver com a covid-19 e suas variantes.

A medicina evoluirá, as vacinas serão aperfeiçoadas, novos medicamentos surgirão e o mundo terá de chorar suas perdas e retornar as atividades, a fim de devolver às pessoas as possibilidades de uma vida normal, eivada de cuidados e de possibilidades de desenvolvimento profissional, cultural e econômico.

Como o mundo dos negócios

é um dos esteios que sustentam a sociedade por intermédio da geração de bens e de oportunidades, as empresas deverão reaprender a trabalhar e competir, diante de uma nova realidade, mais volátil, dinâmica, repleta de desafios e incertezas que impactarão profundamente nos modus operandi e na dinâmica dos mercados.

Dificilmente, a nova cena comportará amorosismo e improvisação, esta que deverá ser reservada para soluções de situações menos complexas e pontuais. Logo, as organizações deverão se preparar muito mais para atuar num mercado menos previsível e mais desconhecido, em função das variáveis decorrentes da situação já analisada.

Considerando a possibilidade de ter que operar num ambiente de maior volatilidade e insegurança, as empresas e os empreendedores não poderão prescindir dos serviços especializados de consultoria que, em geral, são prestados por grupos mais experientes cuja expertise tende a considerar todas as nuances das operações na elaboração dos planos de negócio, podendo, inclusive, prestar serviços de acompanhamento e monitoramento durante as fases de implantação e operação dos projetos.

Não restam dúvidas de que o universo das organizações desponta com destacada importância porque por meio de suas

operações irrigam o sistema com fluxos de dinheiro e viabilizam as cadeias produtivas, a logística e a distribuição, as quais vão colocar os produtos e serviços finais ao alcance dos usuários.

Tal quadro que se avizinha repleto de oportunidades e desafios recomenda que as empresas já existentes reinventem seus processos, a fim de ofertar produtos e serviços seguros e acessíveis aos usuários e ao mercado em sua totalidade, adotando o princípio do ganho em escala ao reduzir preços e multiplicar o volume de operações.

Consultorias são formadas por profissionais egressos de empresas renomadas e do mundo acadêmico, com conhecimentos e habilidades específicos para desempenhar todas as fases que envolvem a criação, o plano de negócios e a estruturação da empresa, deixando para os empresários e seus colaboradores os cuidados diretos do gerenciamento dos clientes e das operações (core business) em busca dos resultados prognosticados no planejamento estratégico, que incluem as modelagens de acordo com a visão, a missão e os objetivos organizacionais.

O trabalho da consultoria, especialmente na fase de diagnósticos organizacionais, é desenvolvido em conjunto com o cliente o qual designa seus melhores profissionais para serem entrevistadas pelos consultores,

a fim de obter o mais fiel levantamento de dados possível, a partir dos quais é montado o Plano de Negócios.

Todo o trabalho, a partir do fechamento do contrato, é desenvolvido sob a tutela de um cronograma previamente acordado entre as partes, a fim de que não sejam queimadas etapas e de que os prazos sejam cumpridos até que o cliente tenha seu projeto convertido em realidade e possa visualizar sua organização operando, cujos resultados serão o coroamento de uma implantação bem sucedida.

Considerando-se as tendências de mercado no cenário pós covid-19, ou convivendo com a covid-19, as empresas terão que se reinventar para surfarem as ondas da nova situação de mercado.

As consultorias, em geral, reúnem expertise: conhecimento, habilidades e experiência no trato com os clientes em busca de obtenção de melhores resultados, num clima de respeito e camaradagem que asseguram o desenvolvimento tranquilo e produtivo das interações profissionais durante as diversas etapas do cronograma projetado.

O somatório da visão de oportunidade e a motivação para o empreendimento dos clientes, com a expertise da consultoria tem sido coroado de êxitos e de projetos bem sucedidos

Até qualquer hora pessoal!

Os Beatles

ZUCA

Estava andando pela rua quando de repente eu me vi perdido em Abbey Road. Até que nem tanto assim, mas precisei aproveitar este verso de Flávio Venturini e Vermelho para começar contar minhas lembranças sobre os Beatles.

Era o primeiro dia do ano. Inverno frio e úmido em Londres. Naquela manhã, eu, Patricia e as meninas descemos na estação de metrô St John's Wood e fomos caminhando pelas ruas vazias. Chegamos na mais famosa faixa zebra de travessia de pedestres do mundo, Abbey Road com Grove End Road. Ali os Beatles cruzaram para serem fotografados para a capa do último álbum que de fato gravaram juntos e que levava o nome daquela pacata rua de bairro residencial e do estúdio de gravação a poucos metros dali. Fizemos claro a cópia da famosa foto, os quatro imitando os Fab Four. Fomos ao estúdio e registramos nossos nomes no muro branco da entrada. Coloquei meu nome, a data e o local de origem "MONTE SIÃO -MG-BRASIL". Vale ainda dizer que essa "pichação" é permitida lá. A música dos caras que veio à cabeça para marcar o momento foi Come Together.

Mais tarde no mesmo dia encontramos a amiga Jaqueline Bernardi com o marido e o filho

Theo para um rápido passeio no parque, um colorido e fantástico Octopus's Garden. A Jaq também gostava muito dos Beatles nos nossos anos juntos de Colégio Integrado, em Amparo. Lembro uma vez que voltamos no ônibus Serrano conversando sobre eles e especialmente a música I will follow the sun.

Dias antes fomos de trem conhecer Liverpool, a cidade natal dos quatro Beatles. Cada esquina, cada parada, cada movimento lembrava uma música e uma história deles. Já ao sair da estação de trem, passa uma pomba voando baixo na garoa e lembro Free as a Bird, música do John que os outros três finalizaram e gravaram já nos anos 1990 usando a voz póstuma do companheiro.

Nas docas, o local onde o Sargento Pimenta veio buscar Ringo Starr e os outros para salvar Pepperland, ouvi (e até acredito ter visto) Yellow Submarine emergindo das águas agitadas pelo vento. Aliás, Sgt Pepper's Lonely Heart Club Band tinha completado 50 anos naquele ano que se encerrava e ainda muitas homenagens estavam espalhadas por ali.

No Museu dos Beatles, em um cenário montado para a primeira transmissão ao vivo e à cores via satélite no planeta me levou para All You Need is Love. Ali, toda a memorabilia, as fotos e documentos mostram coisas

que eu sabia, que eu achava que sabia ou que nem imaginava.

Em seguida pegamos um ônibus estilizado da Magical Mystery Tour e partimos para uma viagem de mesmo nome pelos locais sagrados da Beatlemania na cidade. Conhecemos as casas onde eles moraram crianças e depois que ganharam algum dinheiro, as escolas onde estudaram, as ruas e lugares em que brincaram e se inspiraram para criar as maravilhas musicais que conhecemos.

Em uma das paradas estratégicas da tour, tiramos uma foto na placa de início da rua Penny Lane, voltamos para o ônibus e fomos "viajando" pela rua nas explicações do nosso guia: a barbearia, o quartel dos bombeiros, a rotatória, descritos na música de Paul McCartney, de alguma forma estão bem vivos ali. De lá fomos para Strawberry Fields (Forever), o eterno orfanato onde John Lennon ia jogar bola com as crianças internas. Outra foto marcante. Passamos pela igreja onde Paul foi apresentado ao John depois de um show do Quarrymen (embrião da banda). Também paramos para conhecer a capelinha com um cemitério ao lado, onde estaria enterrada Eleanor Rigby.

Para encerrar, noite escura às 4 horas da tarde, fomos ao Cavern Club, o Pub onde eles estouraram para o sucesso. Emocio-

nante (mas sem as lágrimas do meu amigo Ricardo Eloy) descer as escadas ouvindo My Bonnie, ver o teto baixo de tijolos aparentes, sentir o ambiente carregado de energia de tantos fãs ali querendo absorver um pouquinho da magia que os Quatro Rapazes de Liverpool deixaram. Tentei pedir uma cerveja, mas a mistura do meu brilhante inglês com o mal humor do barman iam me impedindo de realizar esse sonho. Então, um desconhecido hooligan gigante vendo minha dificuldade, pediu duas cervejas no balcão e simplesmente me deu uma para brindarmos juntos; Whit a Little Help from my Friends.

Já na estação, fui ao banheiro e me esqueci que você precisa ter uma moeda para entrar. Eu tinha deixado todas as minhas de gorjeta na lanchonete onde almoçamos. Já batendo o desespero, procurando em todos os bolsos possíveis e sabendo que não daria tempo de trocar dinheiro em algum lugar por ali, ouvi um som de batidas na catraca. Graças à Deus. Uma gentil inglesinha deixou uma moeda mágica que me permitiu descarregar a cerveja que tinha tomado, antes de embarcar de volta para Londres. George Harrison me ajudando; While my Guitar Gently Weeps.

No trem, cansados mas felizes, voltamos naquela Long and Winding Road lembrando de tudo que vivemos naquele inten-

so dia. Fiquei relacionando minhas lembranças desde criança, quando conheci os Beatles em duas fitas K7 gravadas com músicas deles. Michelle, depois do primeiro fora de uma namorada. O dedilhado clássico de violão de Blackbird. Hey Jude, com os repetidos na na na nana na, nos shows do Paul que assistimos. Hello Goodbye, a primeira música deles que minhas filhas Dora e Manu aprenderam cantar. Something, que o George fez para a sua Pattie e eu adoro em prestar para a minha. I need you, que eu cantava para as meninas pegarem no sono pequenininhas. Revolution e Helter Skelter, para alguma rebeldia adolescente. Here, There and Everywhere, para uma noite muito especial com a Pati, lá em Itajubá. Thill there was you, que escolhemos para chamar de "a nossa música". Let it Be, para imaginar a minha mãe me dando algum conselho. As respostas ao universo em Because. All my Loving, das aulas de inglês da tia Vera no ginásio. A sopa de letrinhas com Ob La Di Ob La Da. Here Comes The Sun, de uma vez que fomos ver o sol nascer no alto do Morro Pelado. A queda do muro de Berlin, com Back in the URSS. No Reply, que eu cantava bem errado brincando na piscina do balneário de Águas de Lindóia. Please Please Me e Love Me Do, ouvindo no carro também com as crianças

(para treinar os ouvidos desde pequenas) nas idas para Monte Sião. A bateria "dupla" do Ringo em Golden Slumbers. Twist and Shout, dos bailes dos Anos 60 na AAM. Assim fechamos como no rodameinho de A Day in a Life (a melhor).

De volta à Londres naquela noite, ainda deu tempo de passar pela 3 Savile Row, endereço dos escritórios da Apple Corps (empresa dos Beatles), onde eles fizeram seu último show ao vivo na cobertura do prédio. Os acordes iniciais de Get Back pareciam ecoar pela rua, como se eles estivessem esquentando os motores lá no alto.

Tantas coisas, tantas músicas, tantas lembranças, que daria pra pegar de I Saw Her Standing There (primeira música do primeiro disco) até The End (última música do último disco) e marcar uma boa história para cada música.

Como disseram Beto Guedes e Ronaldo Bastos em Canção do Novo Mundo, "Quem sonhou só vale se já sonhou demais". Sonhei ir. Agora sonho em voltar.

Encerrando aqui com The End, "No final, o amor que você tem é igual ao amor que você fez". Eles não eram mais populares que Jesus Cristo, mas pregavam o mesmo Amor. Vamos seguir este caminho.

OS MENDIGOS

MATHEUS ZUCATO ROBERT

A campanha tocou e tive de parar de fazer o almoço para atender. Desliguei as bocas do fogão, as panelas todas se desanimaram e de seu interior os vapores foram bufados para fora como quem dança em alvoroço e de repente ouve o vazio da música que se apagou.

Desci as escadas da frente de casa até certa altura em que conseguisse ver claramente quem chamava. Era um homem, mendigo, a barba crespa branca e preta, emaranhada, a roupa suja e um par de botinas furadas. Apenas um bêbado pedindo esmola pra comprar mais cachaça, pensei. Disse, “não tenho nada, moço”, ao que ele resmungou qualquer coisa que não pude compreender e, sabe-se lá o motivo, ao invés de lhe dar as costas e voltar ao meu almoço que com tanto zelo preparava, já que meus filhos logo

haveriam de chegar da escola, desci um degrau e lhe perguntei “pois não?”, e ele me fez um sinal para que chegasse mais perto. Bem, cheguei mais perto daquele homem que, ao contrário do que meu olfato se preparava para evitar, não cheirava nem de longe a álcool, mas somente à sujeira de banhos não tomados.

Ele simplesmente não conseguia se explicar, e, para sua timidez, confesso que não estava eu preparada. Na verdade, acredito que não estávamos nós dois preparados para aquela estranha relação do que pede e do que é pedido, relação do absurdo do humano. O homem parecia ser mendigo de primeira viagem, já que não possuía aquela arte de mendigar, que requer uma oralidade no mínimo bem trabalhada, para que assim se obtenha, pela piedade, um favor das mãos do interlocutor. E nessa atrapalhada empreitada do homem que, extremamente acanhado, não conseguia

nem contar sua história e muito menos reivindicar o que a compaixão quase certamente proporcionava aos seus irmãos sem-profissão, atrapai-me inteira, de maneira que nossa relação de mendigo-benevolente se desmanchou completamente. Qualquer que fosse a posição hierárquica que eu possuísse antes, já não existia mais.

Retraída, inquietei-me frente àquele homem que não sabia falar de si nem do que necessitava. Ai! Ele era um ser sem chão, imundo não só da sujeira das ruas, mas da sujeira do mundo todo: da ganância do ser, da imprudência dos que lideram, da partilha injusta, dos vícios mundanos e da nódoa da vida. Aquele homem, que carregava muito em si, sem nada, possuía mais que eu, desabitada como sou por possuir objetos tão mortos como os oferecidos pelo mercado. Que possuía eu quando, frente a frente ao que nada tinha e nada pedia, tam-

bém nada conseguia falar?

Foi o que me sobrou, a mudez da boca e do espírito. Naquele momento, me enchi de clemência por nós dois, mendigos da alma, rogando por um pedaço de coragem que nos retirasse daquela situação. Restou-me um único sentimento sincero, e essa caridade quase ancestral atordoava-me de maneira que me sentia mãe de mais um filho, parido, crescido e abandonado bem ali, em minha frente.

Apertei o ventre com as mãos, o que fez com que o homem que nada dizia, fiel ao seu assombro, virasse-me as costas e fosse embora, e eu só conseguí respirar o alívio puro que se formou e dizer com a maior franqueza de todas: “mas eu não tenho nada mesmo”. Subi os degraus até a cozinha e voltei a preparar mecanicamente o farto almoço. Os meninos logo retornariam da escola, famintos.

Triste fim da maior diva que o mundo conheceu

J. CLAUDIO FARACO

Ela nasceu Norma Jeane Mortensen, no seio de uma família pobre e repleta de problemas. A avó, que ela não conheceu, morreu em 1927, num hospital psiquiátrico amarrada em uma camisa-de-força, o mesmo hospital onde se encontra sua mãe, também louca. O pai abandonou a família deixando-a completamente à deriva.

Norma foi sistematicamente abandonada, refugiada, molestada, jogada de um lado para outro até que, por sugestão de um amigo, mudou seu nome para Marilyn Monroe. E o nome lhe trouxe a fama que merecia, juntamente com um pôster dela totalmente nua sobre um enorme tapete vermelho que embasbacou todos que o viram. Em pouco tempo, chamou a atenção do então senador John F. Kennedy. Saltando épocas, passamos agora para os tempos da Guerra Fria, de J. Edgar Hoover chefiando o FBI e de Frank Sinatra cantando “Come Fly with Me”. Marilyn é o maior símbolo sexual dos EUA, quicá do Mundo, e o senador John Kennedy se prepara para chegar à presidência. Lindos, carismáticos, os dois têm segredos, sendo o maior deles um relacionamento amoroso de dez anos. Na verdade, o caso não é tão secreto assim; o casal é gravado pela máfia, grampeado pela KGB (polícia secreta da URSS) e seguido pela CIA – com agentes tropeçando uns nos outros. No quarto de Marilyn — logicamente sem que ela soubesse —, foram instalados microfones embutidos nas paredes, nos móveis e até mesmo debaixo de sua cama. Tudo era gravado e enviado diretamente para Hoover, o chefe da FBI, o serviço secreto dos EUA, que os guardava como um trunfo. Em meio ao voyeurismo do Estado, a chantagens, manipulações e dinheiro ilícito, uma Marilyn

Monroe à beira da loucura encontra um JFK às portas do escândalo. Por causa de sua avó, mãe e pai, este que sumiu sem deixar rastros, Marilyn sofria constantes abalos psicológicos que a levou a consumir todo tipo de remédio em busca de solução. É uma história que todo mundo conhece, mas ninguém conhece. Ela aparece em inúmeros livros, romances, narrativas, filmes, documentários, artigos, sonhos, teses, fantasmas e mitos sobre Monroe. Nela se esbarram espíões, policiais, gângsteres, escroques, atores, amantes, psicanalistas, escritores, informantes, etc. Marilyn e JFK foram filmados e gravados secretamente pelo FBI, CIA, a Máfia e, quem sabe, até mesmo Deus seguiram com paixão os capítulos da novela encenada pela estrela e pelo Presidente. Eles nunca estão sós, nem mesmo nos mais distantes locais. Microfones nos colchões, buracos nas paredes, lunetas à distância, tudo se passa em um jogo de espelhos: cada um vê enquanto está sendo visto.

Enfim, após sete casamentos e vários abortos, conflitos pessoais, repetidas internações em instituições psiquiátricas, remédios de todos os tipos, Marilyn, em casa, se encontra sempre sozinha em sua cama e usa o telefone constantemente para contatos com seus amigos e amigas mais íntimos em busca da tão procurada paz de espírito. Sua sensualidade extravasava qualquer blindagem e junto àquele rostinho de “criança abandonada”, fez dela uma desejada caça para dezenas de predadores. Foi usada, abusada e desprezada em seguida. Mas seu maior sonho ainda lhe fornecia esperanças: tornar-se esposa de seu amante, John Fitzgerald Kennedy, embora soubesse que ele já era casado mesmo estando afastado de sua esposa.

30 de Julho de 1962: Marilyn fala durante oito mi-

nutos ao telefone com Robert Kennedy, deitada e só como sempre, cabelos amarfanhados e sujos.

Em 4 de Agosto de 1962, Marilyn, com apenas 36 anos, dorme ao telefone e desta vez para sempre! Morre com havia vivido: à deriva. Nua, com o fone caído sobre o travesseiro, pílulas ao alcance das mãos, na casa vazia, sozinha em seu quarto. Fez-se noite para ela, na escuridão de azeviche em que vinha mergulhando em direção à morte. Ela nunca se encontrou. Em dez anos de drogas, dez anos de impregnação química, quantos daqueles comprimidos multicoloridos ela não havia engolido, daquelas cápsulas gelatinosas brilhantes, daqueles pós para arear o espírito? Librium, Nembutal, hidrato de cloral, Nodular, Fenegrato..., quantas injeções maciças de calmantes, depois de metanfetamina ou de benzedrina? Ela jaz pálida, abandonada, com as unhas sujas e cabelos desarrumados. Às 11 horas da noite, seu coração tropeça e para. A noite de 4 para 5 de Agosto é uma verdadeira festa. Robert Kennedy, o Bobby, irmão mais novo do Presidente e que também teve casos amorosos com ela, chegando a comentar com um amigo em outra situação: “se soubesse quem eu estou pegando, você cairia de costas”. Agora, com a morte da deusa, ela que sabia de muitos segredos dos Kennedy e de todos os poderosos, Bobby dá ordem de ataque: seus enviados pasteurizam a casa. A Twenty Century Fox manda uma enorme quantidade de homens para lá. Muda-se a posição do cadáver para outra menos constrangedora, gavetas são reviradas, microfones retirados, documentos controlados, gravadores, desmontados. Muitos procuram o tal “caderninho vermelho”, mas não o encontram. Hoover, o chefe da FBI, confisca os registros telefônicos. Ninguém

mais tem acesso a eles.

Marilyn jaz sobre a mesa de dissecação para autópsia com o corpo retalhado, os cabelos grudados, a pele solta, as faces caídas. Thomas Noguchi, o médico-legista, procura a alma de Marilyn em suas vísceras. Nada encontra. Os “K” a haviam levado. Enfim, a loura platinada, a mulher mais sensual e desejada da América, não pertencia mais ao nosso mundo.

Comentário final: Forestier, o autor deste livro que li quatro vezes com o mesmo sabor da primeira leitura, é um escritor sagaz, irreverente, muito bem informado e um crítico de perspicácia invejável ao redesenhar o perfil de mafiosos, broncos, assassinos e poderosos, do simples político do baixo clero até o Presidente da maior e mais poderosa nação do mundo. Ligeiro e áspere nas palavras, frequentemente provoca risos com suas irrefutáveis comparações. Portador de um extraordinário faro ao escarafunchar as leviandades cometidas pelos poderosos em todos os setores da sociedade americana, ele dissecou os fatos com absoluto domínio do assunto e com a mesma facilidade de um maitre no preparo de uma autêntica macarronada. É impecável. Vejam como ele se auto-intitula:

“Para iluminar tanta escuridão, foi preciso uma sólida documentação, um editor paciente e um defeito crucial.

Uma má índole”.
“Eu tenho”.

FONTES PESQUISADAS: “Marilyn e John Kennedy”, livro com 302 páginas do notável romancista, crítico de cinema e biógrafo, François Forestier.

Vento e poeira

JAIME GOTTARDELLO

E na estrada somos você, eu e todos nós.

E todos os ventos que sopram no caminho eram como um beijo. Podíamos ouvir o som. Era perceber como se fosse o estalar de vários lábios que lambem a nossa pele. Para alguns, no entanto, o vento apenas traz poeira. Machuca os olhos e dificulta o caminho.

Podemos saber que ainda há estrelas sem nome e que as sombras tentam roubar o Sol todos os dias. Isso nos causa uma espécie de espanto maravilhado. Mas ainda assim temos esperança de conseguir atravessar o rio largo que se estende diante de nós nesses tempos sombrios. E a esperança de, quem sabe, um dia dar nome às estrelas.

Confiamos que a dor da perda e a sensação de desamparo e abandono vão passar. Vivemos

perdidos em um labirinto de dúvidas e desesperança, mas permanecer de olhos fechados não vai nos mostrar a saída.

E não tem importância se o vento enche nossos olhos de poeira ou pó de ouro. A cegueira vai ser a mesma até que a tempestade vá embora e o vento volte a ser apenas um beijo.

Não há jeito de desviar o rio largo, mudar seu curso. Como refugiados, pedimos que cantem uma oração por nós, porque

às vezes, até mesmo guerreiros mais fortes caem. Mas se erguem novamente e desafiam a desesperança.

Temos uma viagem longa que se apresentou a nós nessa época de melancolia. E um rio largo para atravessar. Mesmo que com poeira nos olhos. Mesmo que o vento não mais seja um amante.

Mas um dia ele voltará a ser.

O canto da Poesia



Saco Sem Fundo

Sou um saco sem fundo

Um vazio cheio de mim

onde pecado e virtude

ensacam o bom e o ruim

Eraldo Monteiro

Mulher

Guardo silêncios e escondo segredos nos poemas que não escrevi

Invento sonhos mais que perfeitos e juramentos que não vou cumprir

e aguardo os tempos de solidão e desenganos que não de vir

no entanto apenas o mágico encanto do seu sorriso me faz sorrir

J. Carlos Grossi

300 mil

O caos não basta
O ignorante despreza.
Alocução nefasta
Contrariando a natureza.
Colapso não é engano,
Mas negam o episódio.
Dirigidos por um insano
Sofremos um genocídio.
Número não é suficiente
Mesmo representando vida.
É muito triste e indecente
Essa sociedade falida.
São tempos abruptos.
O país por um triz.
Abatido por corruptos
À beira da estupidez.

B. O. B.

TRISTEZA MAIS UM QUE SE FOI...

A FCPA está entristecida
Quando partiu Waldemar Gotardelo,
Quem por aqui foi uma pessoa mui querida
Entre ele e a Fundação quebrou-se mais um elo...

Recentemente o JMS perdeu o Ivan,
Pessoa grata em Monte Sião,
Sempre atarefado em seu afã
E com a sua conhecida colaboração...

São duas perdas muito sentidas
Para as famílias, o Jornal e a Fundação.
Até mesmo eram pessoas parecidas,
Quando moravam no mesmo quartirão...

Quantos amigos que se foram,
Quantas famílias enlutadas!
Deixando órfãos os que aqui choram,
O Monte Sião e a Fundação desfalcada...

É grande a lista elaborada
Pelo José Ayrton Labegalini.
São tantos os que partiram para a nova morada
Estando entre eles o Hugo Labegalini...

Fica mais um adeus para o Ivan
E outro agora para o Waldemar.
E bom não pensarmos no amanhã
Para a Fundação poder continuar ...

Com certeza nas alturas
Onde se encontram agora,
São as mais felizes entre as criaturas,
Das que vivem neste mundo afora...

Aqui fica o nosso adeus,
Ao Waldemar Gotardelo.
Que tenha encontrado junto a Deus
Quem aqui na terra foi um 'fratello'...

Arlindo Bellini

Monte Sião

A Capital Nacional da Moda em Tricô

Março de 2021

Nº 585

ÚLTIMOTRÊM

ANIVERSARIANTES DO MÊS

ABRIL DE 2021

Dia 1 Bruna Zucato Cétolo Adriano Ap. da Costa Joselene Faria Maria Clara R. Zucato Dia 2 Giovana Gottardello Marcos V. de Godoy Silva Robson José Jaconi Dia 3 Daiane Coli de Souza Guilherme Vilela de Souza Rafael de Araújo Resende Cristina F. Vilas Boas Luiz Nelzio Franco José Norberto Rodrigues Dia 4 Bruna Prado Jaconi Ana Beatriz Castro Fonseca Júlia Francisco Magioli Dia 5 Wilson Cardoso Ferreira, Maringá/PR Douglas M. Otaviano Miranda Aline Priscila Guarini Rita Ignês Comune S. Oliveira, Americana/SP Dia 6 Carla Diane Dias da Silva, Luana Armelin Pitelle Mário Sérgio Moreira Vanessa D. Pennacchi Patrícia Beatriz Alves Maria Emília Leite Araújo Isabel Rosana Benatti Dia 7 Karina D. Bertolucci, São Paulo/SP Michel Zucato Dia 8 Sebastião Labegalini, Kaloré/PR Karina Gottardello Zechin, Campinas/SP Magda Gottardello Guireli Rogério Pennacchi Dia 9 Danilo D. Pereira de Lima Marília Franco Bueno Dia 10 Alessandra M. Silva Martins, Cláudia Labegalini, São Paulo/SP Antonio Campos Freire Dia 11 Sebastião Teodoro Araújo Lilian Maria Leite Araújo Dia 12 Bernardo Oliveira Bernardi Amauri Pereira Pinto Júlia Moraes Cardoso Érica Glória Priscila Aparecida Fávero Dia 13 Cirlene Ap. Gonçalves, Rafael Comune Rosângela Comune Lázari Mitsuo Izumi Dia 14 Marina Moraes de Oliveira André Luís Machado Pollyanna Figueiredo, Belo Horizonte Alexandre Labegalini, Apuarana/PR Marilene F. Godoi Bueno, Belo Horizonte/MG Dia 15 José Carlos Grossi Renato Parreira Júnior	Maria de L. Ribeiro Labegalini Antonio Tadeu S. Vidal Dia 16 Felipe Franco Bueno Alcides Domingos Batista Dia 17 Isabela C. Labegalini, Maringá/PR Henrique C. Daldosso Maria Lúcia Gottardello Oliveira Dia 18 Rovilson Tavares da Silva Pedro Borges Figueiredo Maria de Paula Gottardello Dia 19 Brunieli Righete Bruna Mariane Lino Rafael Dias e Silva Rosana Artuso Ribeiro Dia 20 Silvana R. Pennacchi Érica Faraco Joice Monteiro Reginato Maria Gonçalves da Silva Dia 21 Benjamim Labegalini, Kaloré/PR Paola Pennacchi Lucas Lino Charles Cétolo Katsuhiko Takahashi Dia 22 Héldia Giasiani C. Loura, Murilo Zucato de Oliveira Dia 23 Amilton Fernandes Magioli Evaire Comune Maria Otília Gomes Pereira Luiz Antonio M. de Godoi Renata Tavares da Silva Thayná W.G. Benatti Vicente de Paula Faria Dia 24 Francisco Carlos Bernardi, Valinhos/SP Mari S. Bueno Parreira Janaina Corsi Pascoal Norberto Comune Andressa Monteiro Felipe Labegalini Dia 25 Sebastião Gonçalo Righete Catarina C. Daldosso Márcia de Cássia F. Godoi Thais Ribeiro Jacomassi, Rio de Janeiro/RJ Dia 26 Rogério Bueno Mariane de Cássia F. Godoi Carlos Roberto Monteiro Telma Labegalini Maria Ap. Moraes Souza Dia 27 Maria Marta T. Barbosa Valdirene da Costa Vitor Humberto Monteiro José Airtton Zucato Dia 28 Adriana Maria Grossi Maria de Lourdes G. Moraes Malvina Gottardello Zechin, Serra Negra/SP Dia 29 Michele Basaglia Vilma Pilon Daldosso Ernestina Gottardello Zancheta Dia 30 Bruno Monteiro Guinesi. Ryan Canela Brandão
---	--

A todos, as felicitações da Redação!

PORCELANA MONTE SIÃO

BIBELÔS EM GERAL - CANECAS PARA CHOPP
VASOS - CINZEIROS PARA BRINDES, ETC.

A única que produz PORCELANA AZUL e BRANCA no Brasil
AGRADECEMOS SUA VISITA
Rua Sete de Setembro - Tel.: (35) 3465-1117 - Monte Sião - MG

CASA DAS MASSAS
de Lourdes Labegalini

**Pães e Massas Especiais
Panetones e Congelados**

Rua J.K. de Oliveira, 1.170
Fone 3465-1368
Monte Sião - MG

ACEITAMOS ENCOMENDAS

ACM ADRIANO - CHARLES - MAURICE
CONTABILIDADE

(35) 3465-1635
3465-4404

R. Juscelino K. de Oliveira, 1102 - Centro - Monte Sião | MG

Laboratório de Análises Clínicas Bioanálise

Bioquímico: Ferdinando Righetto

- Teste do Pezinho ampliado
- Credenciamento com os Laboratórios:

GENOMIC (Teste de DNA) - CRIESP e SAE (São Paulo)
HERMES PARDINI (Belo Horizonte)

Rua do Mercado, 866 - Tel (35) 3465-1714 - Centro - Monte Sião/MG

Documentos da SAMS

A Fundação Cultural Pascoal Andreta foi presenteada pelo senhor Celso Grossi com documentos da SAMS – Sociedade dos Amigos de Monte Sião – contendo o Livro de ata da sua fundação ocorrida aos vinte e oito dias do mês de outubro de mil novecentos e cinquenta e sete, os estatutos e o jornal Monte Sião do ano de 1960 comunicando a reeleição da diretoria da SAMS. Fica registrado aqui o nosso agradecimento ao senhor Celso Grossi pela confiança depositada à FCPA, agora guardiã desses documentos.

Acervo do Museu

De Luiz Antonio Genghini, nosso colaborador, recebemos a doação para o museu, de 2 canetas bico de pena e tinteiro Parker. Luiz Antonio também doou 30 livros escritos por ele e por sua esposa Edna Barberato Genghini – A saga dos imigrantes italianos no sul de Minas – que estão

à venda na loja do museu. O valor arrecadado será integralmente revertido à Fundação Cultural Pascoal Andreta. O nosso muito obrigado pela ajuda de sempre!

Nota de falecimento

Faleceu na manhã do dia 9 de março, às 11 h, Maria Aparecida Comparim, conhecida por Mariinha, aos 81 anos. Viúva, deixa um filho, Sérgio Henrique e uma neta, Nayra. O sepultamento foi realizado no cemitério "Tardes Silenciosas", em Águas de Lindoia. À família, nossos sentimentos.

Zeza Amaral

Zeza Amaral, que gentilmente nos autorizava a reproduzir no JMS suas crônicas publicadas no "Correio Popular" de Campinas, está agora aposentado e já não teremos mais seus textos.

Registramos aqui nossos agradecimentos por todos esses anos em que o Zeza contribuiu com nosso jornal e também ao Dr. Marcello – fundador do JMS – responsável pelo envio das crônicas para a edição mensal.

Zeza, se qualquer dia desses você quiser nos enviar uma crônica temporã, será uma honra poder publicá-la.

Nosso muito obrigado!

Paolo Pancioli - Memórias

Através de nosso colaborador Ismael Rieli, o JMS publicará, a partir da próxima edição, trechos do livro de memórias de Paolo Pancioli – que passou sua infância na Itália, durante a Segunda Guerra Mundial.

Paolo Pancioli nasceu em Barga (Lucca, Toscana, Itália) no dia 13 de novembro de 1930, caçula de 5 irmãos, filho de Ezio Pancioli e Margherita Nardini Pancioli.

Depois de uma viagem bastante atribulada, chegou a São Paulo em 12/11/1949, véspera de seu aniversário de 19 anos.

16/03/2021 - 1- URGENTE – FUNCIONAMENTO DAS EMPRESAS EM MINAS GERAIS A PARTIR DE 17.03.2021

Conforme noticiado pelo governador de Minas Gerais, Sr. Romeu Zema na noite de 16/03/2021, Minas Gerais inteira está classificada na Onda Roxa de retomada do comércio como um todo, porém, no caso desta onda, de forma impositiva a todas as empresas/municípios, somente os serviços essenciais (segundo classificação do Comitê Extraordinário COVID-19 de Minas Gerais) poderão funcionar. O período de classificação será de 15 dias, ou seja, se tudo correr bem, esta reclassificação terá fim em 31.03.2021 ou antes, ou até mesmo poderá ser prorrogada, a depender do resultado.

É importante que todos, indistintamente, entendam a necessidade de se manter o uso das máscaras faciais nos locais públicos e ambientes de trabalho, obedecendo ainda o correto distanciamento entre as pessoas, contribuindo assim para a redução da circulação do vírus.

O QUE VOCÊ FARIA PELOS SEUS FILHOS?

José Antonio Zechin

Um dia lá no passado eu circulava extasiado pelas salas do Museu de Arte de São Paulo, numa exposição de grandes pintores mundiais, quando me deparei com o quadro The Sacrifice of Isaac, de Caravaggio. Fiquei estático. Foi uma emoção tão forte que meus olhos se encheram de lágrimas. A pintura é dramática, quase angustiante. Para quem não se lembra, como uma prova de fé, Deus pede ao patriarca Abraão que sacrifique seu filho Isaque. No último momento, um anjo aparece e interrompe aquela morte certa. O que é ser pai? Ser pai é uma responsabilidade infinita. Mas como deve ser a relação entre pais e filhos? Quanto devemos fazer pelos nossos filhos? Vez por outra eu e um amigo discutimos o que temos

feito por eles, se certos ou errados nas decisões. Estaríamos fazendo demais, protegendo demais? Deveríamos fazer menos, para que eles próprios sentissem as dificuldades da vida e aprendessem a se virar sozinhos? O assunto é complexo e imagino que os pais se dividam nesta opinião. Com certeza, há aqueles que fazem tudo pelos filhos e outros que deixam os filhos enfrentarem suas próprias dificuldades. Como sempre digo, para qualquer assunto, não existe um único caminho, uma única verdade. Cada um, cada um. E assim a vida segue.

Considere ainda que a forma de educar filhos muda completamente de uma cultura para outra. A maneira não é a mesma no Brasil ou no Japão, nos Estados Unidos ou na Índia, na Islândia ou na Finlândia – só para citar alguns países. E os pais também são diferentes, conforme o que já enfrentaram na vida. Sempre lembrando que não existe uma cartilha para educar os filhos. Daí as diferentes formas de ensinar. E talvez não tenhamos a sorte de ter um anjo que possa indicar o melhor caminho.

Dizem que os filhos não pertencem aos pais, mas ao mundo. Você também pensa assim? Estamos na Quaresma. Um tempo de reflexão. Esta passagem bíblica foi o tema do evangelho do último domingo. Pensei em compartilhar este desafio com você: o que você faria pelos seus filhos?

Câmara de Vereadores

A Câmara de Vereadores de Monte Sião aprovou, por unanimidade, votos de congratulações aos profissionais da Educação do Município de Monte Sião, reconhecendo o trabalho desenvolvido no ano de 2020, dificultado pela pandemia de Covid-19. O JMS publica nessa edição cópia do documento enviado à Diretoria de Ensino e escolas das redes pública e privada de Monte Sião

Câmara Municipal de Monte Sião
Estância Hidromineral - Capital Nacional da Moda Tricô
CEP: 37.580-000 - Estado de Minas Gerais

MOÇÃO Nº 15/2021

Câmara Municipal de Monte Sião-MG.
Protocolo Nº 147/2021
Data: 26/02/2021 Hora: 13:22:33
Natureza: Proposição

Aprovado por Unanimidade
Sala das Sessões 01/03/21

Os Vereadores que esta subscrevem, no uso de suas atribuições legais e após a tramitação regimental, REQUEREM ao Senhor Presidente da Câmara Municipal, que seja consignado na ata dos trabalhos, o seguinte:

Votos de Congratulações a todos os profissionais da Rede Municipal de Ensino Pública e Privada de Monte Sião: a Nossa Diretora de Educação Michele, Diretores e Vice-Diretores de nossas escolas, aos Ilustríssimos Professores, Supervisores, Coordenadoras Pedagógicas, Merendeiras, Faxineiras, Secretários, Inspetores de Alunos, Monitores e Motoristas da Rede Escolar.

Considerando o período difícil e árduo que estamos enfrentando e que enfrentamos no ano letivo de 2020, os mesmos não mediram seus esforços para darem uma educação de qualidade aos nossos alunos, mesmo em tempos de incertezas, vocês profissionais da educação foram capazes de germinar ideias e sugestões e principalmente muito carinho e amor pela profissão a qual foram confiados a exercerem de forma digna.

Não posso deixar também de agradecer através dessa Moção a todos os pais de nossos alunos que também não mediram seus esforços na arte de ensinar e unir junto aos nossos profissionais da educação em prol da educação de seus filhos.

Deixo aqui uma mensagem como vereador e cidadão monte-sionense a todos os profissionais da Rede Municipal de Ensino Pública e Privada de nosso município:

"Para ser professor, precisa nascer professor! Essa é uma profissão para os que amam e não para os que optaram apenas". (Cristiane Galvão).

Meu muito obrigado a todos!!!!

Rua Ernesto Gottardello, 155 - Centro - Tel: (35) 3465.1611 - E-mail: camara@montesiao.cam.mg.gov.br

Loja do Plácido

Nossos avós já compravam na
A mais antiga da cidade - Desde 1922

TECIDOS - CALÇADOS - CONFECÇÕES - CAMA - MESA - BANHO

Rua Presidente Tancredo Neves, 194
Fone: 3465-1144

ELETRÔNICA MONTE SIÃO

Everson Labegalini

Peças e Acessórios para
Áudio e Vídeo

Rua: Carlos Pennacchi nº 60 - Loja 5 - Centro - Monte Sião / MG
Cel.: (035) 8404-5136